

# O Congresso Universitário



Daqui saudamos cordealmente, jubilosamente, os universitários agora reunidos em congresso, com o tema geral «O Pensamento católico e a Universidade», tão sugestivo, oportuno, de imensas projecção e transcendência. Juntam-se professores e alunos. É a comunidade de mestres e estudantes, que assim melhor se ficam conhecendo e estimulando. Desta maneira o aluno é um colaborador do mestre, que o guia, estimula e auxilia.

Juntam-se congressistas portugueses e estrangeiros. Aproximam-se, assim, no terreno intelectual e cultural, os povos, que, como diz Pio XII, em lugar de fazerem concorrência uns aos outros, e de se oporem, tomarão gosto por mutuamente se completarem.

Assembleia magna de estudo, em que se procuram definir os fins da Universidade, e suas relações com a Igreja, que inspirou e criou as primeiras universidades, e sempre lhe mereceram o mais cuidadoso interesse.

Trata-se de precisar a missão da Universidade, tradicional e no entanto sempre nova, que, melhor definido, concorrerá para a construção de um corpo de doutrina ordenado e sólido, para criar um ambiente de cultura especificamente católico.

Este congresso é qualquer coisa de novo. Não era possível nos fins do século XIX, e princípios do século XX. Tudo mudou.

Então não se considerava intelectual quem fosse católico; a mocidade era agnóstica, quando não fosse desprezadora das verdades e práticas cristãs. A ignorância em matéria religiosa era completa; o pensamento católico desconhecido, quando não combatido; e desconhecido até pelos que se lhe diziam hostis. Homens como Ramalho e Junqueiro, com lugar imortal na nossa literatura, eram duma lamentável inferioridade quando tratavam temas religiosos. Frases ocas, argumentos, que a uma Razão culta e consciente pareciam uma inépcia.

Se do autor das «Farpas» ficam páginas que não envelhecem; se Junqueiro nos deixou muito do que há de melhor no lirismo nacional, qual o seu pensamento sobre os mais altos problemas, que agitam desde sempre a consciência do homem, peregrino do infinito, alma sedenta de siém, de perfeição, de felicidade? Coisa alguma de preciso, de sólido, de aproveitável.

Antero nunca chegou a uma certeza; agitou-se na dúvida, na intranquilidade, na angústia, que o levaram ao suicídio. Se ontem, entre os professores raros eram católicos, e raríssimos os que serviam a Igreja em apostolado contínuo — os drs. Sousa Gomes e Ferreira da Silva eram excepção honrosíssima —, hoje entre os professores, muitos dos mais ilustres, são servidores da Igreja, e, em admiráveis intervenções, aí os temos no Congresso, esplêndida manifestação de vitalidade, de riqueza da afirmação católica no terreno intelectual.

Como nos parece distante, inactual, essa proclamada incompatibilidade entre a ciência e a fé.

Foi, com certeza, esta falsidade, que concorreu para que Daudet qualificasse de estúpido o século XIX.

Hoje, sente-se a necessidade de ver, reconsideradas sob o signo do espírito científico, as realidades humanas, as mais profundas, com o objectivo de restaurar os ideais tradicionais da moral e da religião, no centro dum pensamento impregnado de ciência.

Esta e a fé dão-se as mãos para solucionar o magno problema da concepção da vida, do nosso destino.

Alguns dos maiores intelectuais da actualidade, regressam a Deus, cuja existência é uma necessidade científica.

Juntos, camaradas, unidos pelos laços da cultura e da mesma fé, confessada e vivida, numa comunhão

fecunda de ideais, anseios, estudos e conclusões, na teoria e na prática, mestres e estudantes, afirmam que a Universidade não cumpre a sua missão se é apenas um foco irradiante de vida intelectual. É muito, mas não é tudo. Não há que atender só à vida da inteligência, mas também à da consciência — a vida moral. Assim a Universidade tem de educar.

A natureza do trabalho do mestre é estruturalmente determinada pelo sentido que ele dá à vida, seus destinos e valores.

A escola, desde a primária à superior, tem de preparar o aluno para a vida, dar-lhe uma disciplina de vida. Pouco ou nada conseguirá se não revelar ao estudante o sentido interno que deve governar os seus actos, disciplinar o emprego das suas energias, comunicar-lhe a força e o gosto de viver plenamente, alegremente, na paz, na certeza que dão à inteligência, à consciência, e ao coração as verdades eternas. E, como ensina Pio XII, não há nenhuma ciência que não tenha relações com a Religião.

Congratulemo-nos: uma parte do nosso escol intelectual vai definir, de acordo com a Igreja, depositária da verdade, o alto sentido da existência.

Os novos, em cujas mãos estão os destinos de Portugal, atestam que à soberania do instinto, que é a reivindicação da barbarie, é preciso opor a realeza do espírito em permanente ascensão para a Verdade, para a Bondade, para a Beleza, cujo último termo, como escreve Kent, é Deus.

Que grande e admirável missão está confiada à radiosa mocidade reunida em congresso: iluminada a sua inteligência pela ciência e pela fé, testemunhar pela sua vida a grandeza e beleza do catolicismo; proclamar os direitos de Deus no terreno da cultura intelectual; reintegrar a Universidade na sua função educadora; serem por sua vez educadores, apóstolos.

Saudemos, pois, essa simpática e benemérita juventude, que assim como não separa a Universidade da Igreja, também a não separa da comunidade nacional.

Abre-se um mundo novo. Continua uma Pátria cada vez melhor, mais digna, mais nobre e mais bela.

Pinheiro-Torres